

O CORPO NA VELHICE – CONSTRUÇÃO DE NOVOS SIGNIFICADOS

Luana das Graças Q. de Farias¹

Resumo. As sociedades contemporâneas atribuem ao indivíduo envelhecido e, conseqüentemente, ao seu corpo, estereótipos negativos que afetam a convivência social e a prática de atividades físicas. Contrapondo-se a essa percepção, este artigo propõe uma reflexão sobre as apreciações de corpo e velhice dentro do contexto econômico e social, encaminhando para propostas de inclusão social do idoso que, *a priori*, respeitem as suas limitações e estimulem a qualidade de vida, além de integrar a compreensão do corpo na pauta de discussões sob a ótica subjetiva, ou seja, expressando “a maneira de ser-no-mundo de cada indivíduo”.

Palavras-chave: corporalidade, velhice, subjetividades, qualidade de vida.

Abstract. The contemporary societies attribute the individual gotten old and, consequently, to his body, negatives stereotypes that affects the social living, the practice of physical activities and the own social life of the elder. Opposite to this perception, this article propose a reflection about the appreciations of the body and elderness inside the economic social context, turning to the proposes of social inte-

1 Administradora de Empresas, Voluntária do Abrigo São Francisco de Assis, Especialista em Gerontologia Social e mestranda em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente. UESC, Ilhéus, Bahia, 2005. luanaffarias@pop.com.br

gration of the elder that, a priori, respect their limits and stimulate the quality of life, besides integrate the comprehension of body in the board of discussion about optic, subjectivity, by the way, expressing “the way og being of the world in each individual”.

Keywords: science of body, elderness, subjectivities, quality of life.

1. INTRODUÇÃO

O século XXI apresenta desafios de natureza ética, ecológica e social que enveredam para a busca de alternativas promocionais do desenvolvimento sustentável, da distribuição de renda, igualdade de oportunidades e qualidade de vida para todos. O fenômeno do envelhecimento se destaca em âmbito mundial, e exige dos países em desenvolvimento propostas que atenuem as desigualdades advindas de passados recentes e, concomitantemente, permita a valorização humana e social dos idosos. Essa assertiva é abordada por Both (apud GUIMARÃES, 2004), quando afirma que:

Antes de haver uma política para a terceira idade é importante ter em mente uma política social para a qualificação da vida. ***O bem-estar dos mais velhos é uma consequência do bem-estar de todos os cidadãos.*** [...] Urge investir, pois a longevidade parece um fenômeno irremediável e este destino está mais para regra do que para exceção (Grifo nosso).

Ao longo das últimas décadas, o segmento populacional representado pelos idosos vem crescendo significativamente no mundo e, no Brasil, em particular. Os avanços da Medicina, o diagnóstico precoce e a prevenção de determinadas doenças, a ampliação das possibilidades de acesso aos serviços de saneamento básico, a alteração nos hábitos alimentares e de higiene, a prática de exercícios físicos, dentre outros fatores, contribuíram para o aumento da expectativa de vida (BRASIL, 1998).

No Brasil, o envelhecimento acelerado da população vem provocando discussões em torno das perspectivas relacionadas a essa etapa da vida. As demandas desse grupo etário incitam por melhores condições de saúde, habitação e inclusão social, o que envolve conhecimentos intersetorial e multidisciplinar, e a compreensão de que senescência é processo eminentemente humano. Nessa fase, ocorrem alterações biológicas, fisiológicas, psicossociais, econômicas e políticas. As transformações mais nítidas envolvem a ação do tempo e a ação social, a exemplo de: mudanças físicas (graduais e progressivas) envolvendo o aparecimento de rugas, perda da elasticidade e diminuição da força muscular; mudanças psicossociais (modificações afetivas e cognitivas) e mudanças funcionais, muitas vezes incluindo a necessidade de ajuda para desempenhar as atividades diárias básicas.

Numa abordagem contemporânea, a velhice pode ser analisada como um fenômeno material e social que acontece com o ser humano, de forma singular. Na sua globalidade, o processo de envelhecimento é particular. Bosi (1994) realça que a noção que temos sobre velhice decorre de aspectos socioculturais:

A noção que temos de velhice decorre mais da luta de classes que do conflito de gerações. É preciso mudar a vida, recriar tudo, refazer as relações humanas doentes para que os velhos trabalhadores não sejam uma espécie estrangeira. Para que nenhuma forma de humanidade seja excluída da humanidade é que as minorias têm lutado, que os grupos discriminados têm reagido. A mulher, o negro, combatem pelos seus direitos, mas o velho não tem armas. Nós é que temos de lutar por ele.

A velhice e o processo de envelhecimento têm significado uma das maiores preocupações da humanidade, sendo o tema associado à própria história e a vivência do homem em sociedade. De acordo com Vieira (1996), o envelhecimento é o fenômeno do processo de vida como a infância, a adolescência e a maturidade, sendo marcado por alterações biológicas, psicológicas e sociais específicas, associadas à passagem de tempo.

2. A NEGATIVIZAÇÃO DO CORPO E DA VELHICE

A velhice ainda é concebida como uma fase decadente², na qual os idosos reduzem o seu convívio social, são menos protegidos, fatores que contribuem para acarretar uma perda de autonomia e independência. Mas, talvez a grande ameaça ou dificuldade de aceitação da velhice esteja relacionada às alterações biológicas, em particular, as corporais.

O corpo sempre representou uma ameaça ao próprio homem, pois ele, além de materializar existência temporal e espacial, exerce papel fundamental na percepção e no contato com o mundo. Trata-se de força expressiva da capacidade de interagir com o mundo, no sentido de transcender os limites extrinsecamente articulados, cuja intenção é manter o controle social.

Inúmeras incapacidades são impostas aos idosos, como as de ordem funcional, física e intelectual. A sociedade é responsável pela disseminação de grande parte destes conceitos e valores. Entretanto, ela também vem estudando gradativamente a (re) construção da velhice sob as bases da qualidade de vida e da inserção social. Comenta Vieira (1996) que:

A representação da velhice está fortemente associada a estigmas socialmente ligados à decadência física, e a percepção que

² Ibid., 1996.

as pessoas envelhecidas têm da sua própria imagem, muda à medida que o tempo passa; o confronto com a velhice. Provocado, principalmente, pela inatividade ocasionada pela aposentadoria, cria múltiplas facetas na representação da decadência e do envelhecer.

Dessa forma, o estudo do corpo/ movimento está implicitamente relacionado com as representações culturais atribuídas a esse fenômeno. Nesse contexto, o corpo não é possuidor de uma dinâmica própria.

Falar de corpo, para idosos, é palmilhar um universo sob as bases de um modelo de desenvolvimento capitalista excessivamente consumista, reprodutor de valores que privilegiam a estética, a força e a beleza física. Diante disso, é importante elaborar estratégias para que pessoas idosas, independentemente do que viveram nos anos já passados, possam encontrar tal plenitude na compreensão corporal que lhes possibilite perceber, vivenciar e admirar seus próprios corpos. Como afirma Guimarães (2004):

...é preciso **então pensar em certa consciência de adequação física, mental, emocional, intelectual, espiritual e outras**. Uma certa consistência de mundo que possa ajudar a construir habilidades vivas para se viver melhor (Gri-fo nosso).

3. A CONSTRUÇÃO DE NOVOS SIGNIFICADOS

Dessa forma, pode-se observar que os conceitos conferidos ao corpo evoluíram de acordo com o crescimento da própria ciência, fortemente marcada pelos modelos teóricos cartesianos, o que influenciou decisivamente a idéia de corpo e suas conseqüências na vida humana.

A grande questão é que a concepção mecanicista continua fundamentando a maioria das ciências e influenciando diferentes dimensões da vida humana. A ciência, metódica e objetivamente, tenta dar respostas a tudo, tornando-se legitimadora da racionalidade e negando todas as questões relacionadas à subjetividade. Considera não-científico tudo o que não se pode demonstrar ou comprovar.

A doutrina positivista criada por Augusto Comte, que se fundamenta nos fatos e na experiência, e que procede do conjunto das ciências positivas, repelindo a metafísica e o sobrenatural, ou seja, a tendência a enfrentar a vida apenas pelo seu lado prático e útil, também alcançou as práticas e os pressupostos da Educação Física, que baseou os seus conhecimentos no propósito de melhorar a performance dos atletas e adeptos das práticas esportistas.

Assim, a ênfase na qualidade de vida é abordada sob os aspectos biológicos do cor-

po, nos aspectos do bem-estar físico, restringindo os anseios, a percepção e os valores inerentes à vida humana. Atualmente, falar de corpo é observar e analisar a maneira de ser-no mundo, o mundo vivido, os valores existenciais carregados de história e símbolos na intenção de satisfazer, ou não, necessidades e desejos próprios.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Conselho Nacional de Saúde.**

Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/comissao/eticapesq.htm>. Acesso em: fev. 2004.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade - lembranças de velhos.** 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

GUIMARÃES, Samuel Macêdo. Vivência Corporal, Experiência e Saber Viver na Maturidade. In: **Revista Memorialidades.** Ano 1 n. 1 (jan.-jun.). 2004, p. 19-25. UESC/Núcleo de Estudos do Envelhecimento.

VIEIRA, Eliane Brandão. **Manual de gerontologia:** um guia teórico-prático para profissionais, cuidadores e familiares. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Revinter, 1996.

Recebido em fevereiro de 2007

Aprovado em abril de 2007